


COMPREENSÕES SOBRE MEMÓRIA E NARRATIVA A PARTIR DE UM ESPAÇO SOCIAL LÍMITROFE

UNDERSTANDINGS ABOUT MEMORY AND NARRATIVE FROM OF A BORDER SOCIAL SPACE

Recebido em: 02/01/2023

Aceito em: 31/01/2023

Rita de Cássia Grecco dos Santos¹ 

Débora Laís Freitas² 

Resumo: Este artigo apresenta uma análise sobre o conceito de narrativa e sua importância nos espaços de escolarização, tendo em vista sua potência como ferramenta metodológica tanto de ensino quanto de pesquisa, pois, como apontou nos Benjamin (2011), é uma forma artesanal de comunicação. Nesse sentido, foram utilizadas narrativas de estudantes da Educação Básica de um bairro periurbano na cidade do Rio Grande (Rio Grande do Sul), onde se analisou a construção da memória individual e coletiva no espaço transitório entre o rural e o urbano nas últimas duas décadas do século XXI, destacando a importância da mobilização da memória e da narrativa como metodologia no ensino de História. Buscamos apreender e ressignificar histórias embaralhadas e esmiuçadas que contavam de lugares, de relações, de amores, de zangas, de prazeres, de festas, de alegrias, de tristezas e da vida cotidiana. Posto que, o cotidiano revela modos de vida, de subjetivar e de acontecer das pessoas, de seus grupos em dado momento histórico.

Palavras-chave: Memória; Narrativa; Prática de Ensino; Ensino de História; Formação de Professores.

Abstract: This article presents an analysis of the concept of narrative and its importance in schooling spaces, considering its potency as a methodological tool for both teaching and research, since, as Benjamin (2011) pointed out, it is an artisanal form of communication. In this sense, narratives of Basic Education students from a peri-urban neighborhood in the city of Rio Grande (Rio Grande do Sul) were used, where the construction of individual and collective memory in the transitional space between rural and urban in the last two decades of the 21st century, highlighting the importance of mobilizing memory and narrative as a methodology in teaching History. We seek to apprehend and resignify scrambled and broken stories that told of places, relationships, love, anger, pleasures, parties, joys, sadness and everyday life. Since, everyday life reveals ways of life, of subjectivation and of happening of people, of their groups in a given historical moment.

Keyword: Memory; Narrative; Teaching Practice; History Teaching; Teacher training.

INTRODUÇÃO

O propulsor das discussões propostas no texto que segue são algumas reflexões a respeito de atividades didáticas em uma escola na Vila da Quinta, na cidade do Rio Grande, bairro limítrofe entre a zona rural e zona urbana da cidade, que possibilita algumas interrelações entre os conceitos teóricos

¹ Doutora em Educação, Socióloga e Pedagoga, Professora Associada no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande - IE/FURG e Professora no Programa de Pós-Graduação em História. E-mail: ritagrecco@yahoo.com.br

² Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, pós-graduada em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul e graduada em Geografia - Licenciatura pela mesma Universidade. E-mail: dl.freitas@live.com

de memória e narrativa com as escritas produzidas por estudantes da escola, onde os hábitos e relação com aspectos culturais são perpassados por transformações sócio-históricas que marcaram e marcam a cidade do Rio Grande nos últimos 20 anos.

A Vila da Quinta, há menos de vinte anos atrás, era considerado uma região tradicionalmente rural, mas que, ao mesmo tempo, já era referência urbana para as regiões mais interioranas da cidade do Rio Grande: a população das redondezas (Taim, Palma, Povo Novo, Ilhas do Leonídio, Torotama e Marinheiros, etc) ia até a Vila da Quinta para se abastecer nos mercados e para concluir a Educação Básica, mas ao mesmo tempo, a própria população da vila se envolvia com atividades primárias, como pequenas plantações e criação de animais.

Ao longo dos últimos vinte anos foi perceptível o processo de urbanização da região, antes mesmo da intensa migração consequência do Polo Naval, com suas atividades industriais iniciadas em 2007. Além de a própria vila expandir em suas características urbanas, com aumentado número de residências, comércios e disponibilidade de variados serviços, as regiões do entorno também foram absorvendo, em maior ou menor grau, os impactos do processo de disseminação da comunicação e ampliação de infraestruturas que possibilitaram o desenvolvimento das áreas rurais da cidade do Rio Grande.

Outro elemento que contribui substancialmente com o avanço da urbanização no bairro é a implantação da duplicação da estrada BR 392, que facilitou e acelerou o acesso à Vila da Quinta: o trajeto lento e perigoso de aproximadamente vinte quilômetros entre o bairro e o centro da cidade de Rio Grande, agora é percorrido em torno de vinte minutos, fazendo com que o estabelecimento de residência no bairro se tornasse mais atrativo.

A esse processo de implantação do modo de vida urbano às áreas tipicamente rurais, alguns autores denominam, nos estudos sobre urbanização, como periurbanização ou “novos rurais”, ao passo em que a cidade já não comporta mais o processo de urbanização e tende a avançar sobre as regiões periféricas a ela, atingindo espaços rurais. No Projeto Rurbano, Graziano da Silva faz uma pesquisa ampla e detalhada sobre o novo rural brasileiro.

Nessa pesquisa, o autor traz como característica dessas transformações geradas pelas transformações econômicas e sociais dos séculos XX e XXI a tendência das famílias de atividades tradicionalmente agrárias a “pluriatividade” (GRAZIANO DA SILVA, 1997), tendo em vista que muitas das atividades antes consideradas do setor primário estão sendo substituídas ou aperfeiçoadas por serviços terceirizados ou industriais, o que leva a duas consequências diretas na atividade familiar,

que não são excludentes: o rompimento com a hereditariedade da atividade agrícola, e a redução na jornada de trabalho no campo e espaço para outras atividades econômicas – a pluriatividade.

Essa característica pode ser percebida empiricamente na observação de discussões em sala de aula com os estudantes, por exemplo, quando discutem o trabalho no período de colheita e venda de produtos agrícolas, ao mesmo tempo em que possuem empregos temporários no comércio ou em setores industriais. Essa “miscigenação” econômica acaba por influenciar na dinâmica social dos jovens da Vila da Quinta que estudam ou se formam no Ensino Médio e querem se inserir no mercado de trabalho.

Na busca sobre a compreensão do impacto desse processo histórico de expansão urbana na vida desses jovens estudantes, realizaram-se algumas discussões em sala de aula e a ferramenta utilizada para registro e análise destas percepções foi a construção de narrativas, tendo em vista que Bruner (2002, p. 47) considera que a pesquisa através das narrativas proporciona uma compreensão dos eventos da experiência humana, e a importância dada à narrativa são as possibilidades interpretativas destas.

Considerando que o objetivo das discussões em sala de aula era identificar como os estudantes apreendem as transformações sócio-históricas, e qual significado dado às relações estabelecidas no espaço destinado ao lugar, a perspectiva apresentada por eles através da experiência narrada é interessante.

Nesse caminho, a discussão sobre memória se faz necessária, aqui, para analisar a construção desta por parte dos estudantes inseridos em um contexto de periurbanização e intersecção entre rural e urbano. O contexto em que estes estudantes estão situados cada vez mais é dominado por relações e compreensões acerca do mundo urbano, e existe muita confusão por parte desses estudantes em coexistir aspectos da vida rural, narrada por gerações anteriores e marcadas ainda em algumas ações cotidianas, e a dinamicidade da vida urbana, incluindo o acesso a serviços e recursos, e a disseminação dos problemas urbanos associados, como transporte e violência.

Tendo em vista os principais aspectos a serem considerados na análise da fonte narrativa, cabe, neste artigo, discutir alguns conceitos teóricos que constroem o objeto da pesquisa, como os conceitos memória e narrativa, justificando as discussões com alguns apontamentos das narrativas construídas por estudantes do 3º (terceiro) ano do Ensino Médio.

Nota-se que esta discussão é ponto de partida para análises específicas dos conteúdos e significados apresentados nas narrativas dos estudantes, sendo estes escopos para outras escritas.

OS PERPASSOS DA MEMÓRIA NA HISTÓRIA

É preciso traçar uma diferenciação do que valorizamos, na prática diária em sala de aula, como memória, que memória é esta e como a utilizamos para construir e preservar a história do lugar. Em NORA (1993), o autor demonstra a desconstrução da memória como ferramenta histórica através do percurso que ela tem na historiografia, perdendo espaço ao longo das transformações da ciência histórica juntamente com as transformações nas sociedades modernas, que se voltam para a atualidade, para o futuro, e delega à memória um espaço particular, do privado. Entretanto, essa memória apresentada é denominada pelo autor de "memória transformada por sua passagem em história", ou seja, a memória que nos é incumbida a reverência em prol da preservação de uma experiência que não é nossa.

Como salientado pelo mesmo autor, a memória é carregada por grupos vivos. Essa afirmação vai ao encontro de algumas constatações observadas nas narrativas dos estudantes sobre as transformações no espaço do bairro em que vivem, onde parte das falas remetem às consequências para o futuro do desenvolvimento industrial e urbano, e poucas produções discutem os aspectos culturais e históricos perdidos no progresso do mundo atual e efêmero.

As temáticas mais abordadas pelos estudantes, na proposição de escrita sobre os impactos das transformações socioespaciais no dia-a-dia destes, são relacionadas aos aspectos positivos das transformações, entendendo o processo histórico como linear, em que o futuro é um progresso definido por comércio, mobilidade urbana e empregos essencialmente urbanos.

Poucas escritas apresentam uma análise sobre o que pode ser perdido no “progresso da urbanização”: algumas reflexões sobre as dificuldades de escolha impostas pela urbanização, vista associada ao desenvolvimento do Polo Naval na cidade, que limitam as opções profissionais. Outras realizam críticas ambientais sobre o avanço da industrialização e urbanização, e, num universo de 32 narrativas, apenas seis abordaram aspectos relacionados às transformações de hábitos e culturas, como a questão da liberdade da área que antes era rural, limitada hoje pela violência, e a perda de hábitos típicos de pequenos bairros.

Na amostra obtida, podemos perceber que os jovens pouco demonstram preocupação com os espaços de memória e preservação cultural. Isso pode ser explicado pelas transformações do mundo no século XXI, ao que Pierre Nora argumenta que “[...] o modo mesmo da percepção histórica que,

com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade" (1993, p. 8).

Entretanto, todas as transformações do mundo moderno suscitaram mais uma transição da memória sobre a história. A negação da história-memória, história narrativa, homogênea, ritualística, comemorada, tendo em vista a emergência do mundo da atualidade, como Hartog (2013, p. 27) argumenta ser o presente o novo regime de historicidade, por onde a história é produzida.

A memória "privatizada" nesse processo é ressignificada ao social; os fragmentos descontínuos dão forma à novas interpretações da história. A própria descontinuidade da memória na história promoveu o ressuscitar deste conceito nas construções modernas da ciência histórica.

Interessante constatar que no texto de Pierre Nora trazido a esta discussão, ele deixa claro que a forma de se conceber a memória no âmbito da história está sociológica e cronologicamente associada às transformações no mundo produtivo, que trazem consequências na organização geográfica, social e cultural das populações. A efemeridade da produção da vida urbana contribui definitivamente para a exaustão da memória até então estabelecida, e a própria ideia de progresso deixa para trás as contribuições da história na vida cotidiana, como constatado anteriormente a respeito da pouca preocupação com a memória e a cultura nas narrativas dos estudantes.

Nesse sentido, o autor afirma que "há locais de memória porque não há mais meios de memória", ou seja, a busca pelo restabelecimento da memória se dá porque ela já não tem mais significado prático na vida moderna, presenteísta e projetiva.

Nora aponta que uma ruptura do tradicional – a memória –, dá espaço à aceleração dos eventos, e uma nova dinâmica que valoriza menos o passado, e os lugares de memória começam a ser mais evidenciados que no passado, quando eles faziam parte do cotidiano. Por exemplo, a temática a respeito do Arroio das Cabeças, que passa pelo bairro, surge em algumas narrativas observando-se a preocupação em preservar o espaço ambiental e cultural, tendo em vista que o nome do arroio é motivo de várias discussões sobre lendas e fatos da região no passado.

Assim, ao mesmo tempo em que a percepção de que a urbanização é reflexo do progresso e deve ser valorizado, alguns lugares de memória passam a ser reivindicados. O próprio autor estabelece relação entre essa (re)nova posição da memória na história com a aclamação em prol das narrativas e da História Oral no final do século XX: "O fim da história-memória multiplicou as memórias particulares que reclamam sua própria história" (*op. cit.*, p. 20).

Os questionamentos sobre a memória são semelhantes aos que se referem à História Oral, ora por considerar modalidade de análise e o campo de pesquisa como deslegitimadores da “história oficial”, ao passo em que se corre o risco de, ao considerar qualquer depoimento como história, o documento e os demais artefatos históricos possam ser descartados, ora por relativizar a construção da memória dos indivíduos e da memória coletiva.

De acordo com o levantamento de Jurandir Santos pode se interpretar que a História Oral se expande como ferramenta metodológica na metade do século XX, com a ampliação de tecnologias que permitiam ampliar os registros de depoimentos orais, especialmente nos EUA, Europa e México. A fonte oral já era discutida anteriormente, e sempre foi posto em xeque a sua neutralidade científica.

Tal posicionamento se relaciona ao mesmo processo tratado neste texto, em relação ao papel da memória na ciência histórica. Quando a memória passa de coletiva a privada, o depoimento oral passa a ser negado ou restringido como fonte histórica, já que seria uma expressão individual, marcada por experiências específicas, além do posicionamento e problemática desenvolvidas pelo pesquisador na coleta e análise de tais depoimentos. Ou seja, a memória e a legitimidade da História Oral traçam um mesmo caminho no percurso histórico e social.

José Carlos Sebe Bom Meihy (2006), observa que a evidência da História Oral e a revisão da narrativa ocorrem em momentos de abertura política e social em diversos contextos nacionais, e com a ampliação do processo de globalização que, em parte é homogeneizador, mas permite contatos mais dinâmicos com outras culturas e outras formas de se apreender a realidade sócio-histórica.

Assim, a partir da expansão de experiências multiculturais, percebeu-se que a História pode abarcar outras perspectivas além da dominante, geralmente europeia de conquista e superação. Pessoas ainda mantêm seus hábitos culturais no Oriente Médio, no Sudeste Asiático, na América Latina, mesmo os livros didáticos e os meios de informação e comunicação hegemônicos nos mostrando a supremacia da cultura ocidental europeia e norte-americana. Então, a narrativa serve como ferramenta para “dar voz aos excluídos” e a História Oral como campo de pesquisa e análise dessas perspectivas históricas.

A NARRATIVA COMO PROTAGONISTA NA HISTÓRIA ESCOLAR

É possível perceber que a questão da narrativa segue pelo mesmo caminho crítico da História Oral, muito também, por se usar desta para a construção narrativa, mas também pela subjetividade evidenciada no resultado do documento histórico produzido, por se valer essencialmente de memórias

socialmente construídas, cuja as interpretações são múltiplas, demonstram resistência dada como marca da Escola Metódica, conforme discorre Janotti (2010, p. 10). Por outro lado, as especificidades do mundo pós-moderno exigem revisões sobre o passado a partir do presente que proporcionam amplo espaço para a história oral e a perspectiva da narrativa.

Em discussão de Gabriel e Monteiro (2014), sobre o posicionamento da narrativa no currículo de história, as autoras comentam que o próprio conceito de narrativa foi sendo atualizado conforme os processos sócio-históricos aqui já comentados na transição da modernidade à pós-modernidade. A narrativa antes era tida como legitimadora da história global, dos grandes heróis e eventos, o que nos permite comprovar mesmo caminho com o uso da memória: memória comemorativa, narrada, lembrada por outros.

No transcorrer das transformações recentes, globalização econômica e cultural, expansão urbana e produtiva, o conceito de narrativa foi sendo adotado através de outro postulado, como um meio de conceber a História, como ferramenta metodológica para se construir a História. Na leitura de textos que fazem referência a Paul Ricoeur, podemos compreender que, na perspectiva adotada na retomada do conceito, a narrativa faz parte da experiência temporal, ou seja, não deve ser encarada como uma modalidade de texto, mas via metodológica de análise dos tempos históricos (ANHORN, C. T. G. 2012, p.191).

Indo ao encontro a essa perspectiva, podemos reconhecer o potencial do uso da narrativa como significante da percepção da História por parte dos estudantes. O contexto social, histórico e espacial no qual estes jovens estão se constituindo terão como reflexo o que é apreendido por eles como importante. Para Maurice Halbwachs (1990), quem constroi a memória, ainda que esta seja lembrada individualmente, são os grupos sociais. Dessa forma, reconhecer quais elementos fazem parte da compreensão de mundo e sociedade desses jovens, contribui para refletirmos com eles sobre o processo histórico, e fornece recursos para que eles possam elencar o que é relevante social e historicamente.

Ainda podemos analisar a dimensão da narrativa a partir dessa nova descontinuidade em que se descortinam outros atores sociais até então destituídos de espaço na história narrativa tradicional, onde a memória se esvazia. Retomando Nora (*ibid.*, p. 20), o autor destaca que essa reivindicação histórica nos evidencia que a história não é homogênea: “E nessas biografias de anônimos, o meio de nos levar a apreender que as massas não se formam de maneira massificada” [...], ou seja, o

movimento inverso do que desconstruiu a história narrativa, recoloca a narrativa como centro da produção histórica pós-moderna.

O uso da narrativa como produção e fonte destes mesmos jovens possibilita que eles sejam partícipes da construção histórica e da memória do bairro o qual estão inseridos, e expondo a diversidade de realidades cada vez maiores, dados os conflitos que a urbanização incita no espaço, como a reivindicação de espaços que não podem mais ser usados pelo avanço da ferrovia e da rodovia, embates sobre terras de quilombos, e outros temas que estão omitidos pela história oficial. Conflitos muitas vezes abordados em conteúdos curriculares, que podem aproximar o conhecimento histórico através da utilização da narrativa como produto e fonte na história escolar.

Como aprofundamento das discussões entre meios e locais de memória (NORA, 1993), se torna interessante se utilizar da História Oral (MEIHY, 2005) como metodologia no ensino de História, propondo e executando um evento de encontro das narrativas construídas através da memória dos moradores mais antigos e a percepção da história do presente experienciadas pelos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa foi o escopo central da reflexão aqui apresentada, tendo em vista sua utilização no espaço escolar como ferramenta de análise dos significados apreendidos das transformações sócio-históricas pelos estudantes de uma escola estadual em um bairro considerado limítrofe entre a zona rural e urbana na cidade de Rio Grande.

O objetivo deste texto foi apresentar a relevância da discussão sobre memória e narrativa como arcabouços teóricos que validam a experiência didático-científica das produções narrativas na História escolar, utilizando algumas constatações de experiência em uma turma de Ensino Médio.

A análise das narrativas apresentadas pelos estudantes no que se refere às suas percepções sobre as transformações sociais as quais estão imersos, permitiu verificar algumas tendências a cerca dos conceitos de memória e narrativa no decorrer da ciência histórica.

O contexto social, histórico e espacial apresentados nos permite estabelecer algumas conexões com a construção do conceito de memória. Nora (1993) já observa que as transformações no mundo produtivo produzem reflexos na sociedade, inclusive na forma de se conceber a memória. Esta constatação se torna muito clara na análise das narrativas em questão, pois o discurso evidenciado na maioria delas converge para a realidade social produtiva do efêmero.

Entretanto, ao mesmo tempo em que as relações sociais de produção permeiam a compreensão de história, espaço e sociedade dos jovens, a abertura da narrativa como ferramenta metodológica para se construir a história, no final do século XX, possibilita que a produção de narrativas escolares ampliem as discussões sobre os tempos históricos e a relevância do contexto social e histórico para a formação dos jovens, contribuindo para a tomada de decisão sobre o que será memória.

Nesse aspecto, se observa na atividade realizada na escola Lilia Neves, no bairro Vila da Quinta, que a memória está relacionada às experiências de cada grupo social, e a historicidade do presente faz importante a discussão de narrativas de memórias históricas no espaço escolar para promover o desenvolvimento da ciência história.

REFERÊNCIAS

ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. Teoria da História, Didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 187-210, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 abr./2023.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Magia e Técnica, arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2011.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

GABRIEL, C.T.; MONTEIRO, A.M. Currículo de História e narrativa: desafios epistemológicos e apostas políticas. In: MONTEIRO, A.M. *et.al.* (orgs). **Pesquisa em Ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas**. Rio de Janeiro: Mauad: Faperj, 2014, p. 23-40.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

JANOTTI, M.L.M. **A incorporação do testemunho oral na escrita historiográfica: empecilhos e debates**.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual De Historia Oral**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da História Oral: o caso Brasileiro. **Revista de História**. São Paulo, n. 155, 2 sem/ 2006. p. 191- 204.



NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação**. Disponível em <yumpu.com/PT/document/view/12577322/historia-oral-fontes-documentais-e-narrativas-jurandir-santos>. Acesso em 28 abr./2023.